

## Entre ciência e aventura: considerações em torno da Expedição Roosevelt-Rondon

### Between science and adventure: considerations around the Roosevelt - Rondon Expedition

João Klug<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto procura fazer um balanço dos resultados da Expedição Roosevelt-Rondon, a propósito do seu centenário lembrado recentemente. Evidencia que Roosevelt oscila entre ideias de preservação e o prazer das caçadas, apontando, também, para a liberdade com que o ex-presidente via a possibilidade de transferir para os EUA, plantas e animais oriundos do pantanal de Mato Grosso e da Amazônia, aclimatando-os para posterior utilização econômica. Destaca como Roosevelt vê a natural superioridade das “raças do norte”, que poderiam fazer florescer economicamente algumas áreas do sertão brasileiro, uma vez colonizadas por “raças superiores”. O texto conclui que na Expedição Roosevelt-Rondon a aventura superou a ciência.

**Palavras chave:** Ciência; Caça; Fazendas; Sertão; Roosevelt

**Abstract:** This paper intends to analyze the outcomes of the Roosevelt-Rondon Scientific Expedition to the Amazon basin in 1913-1914. The research on Theodore Roosevelt's notes and other sources about the Expedition showed that Roosevelt's views about the region oscillated between ideas of preservation and comments about the hunting pleasures. Moreover, this paper points out how Roosevelt was at ease with the idea of introducing animal and plant originated in the wetlands of Mato Grosso and the Amazon to the US, for future economic exploitation. The paper also underlines Roosevelt's beliefs in a so-called natural superiority of the “Northern races”, and their potential to economically advance the sub-developed areas of the Brazilian hinterland through the colonization of “superior races”. Finally, the article concludes by showing that, in the Roosevelt-Rondon Expedition, adventure overcame Science

**Keywords:** Science; Hunting; Ranches; Hinterland; Roosevelt

---

<sup>1</sup> Doutor em História, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós Doutor pela Frei Universität Berlin e coordenador do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA-UFSC). E-mail: [joaklug@yahoo.com.br](mailto:joaklug@yahoo.com.br)

O final de 2013 e início de 2014 marcou o centenário da “Expedição Roosevelt-Rondon”, que ocorreu entre dezembro/1913 a abril/1914. Associamos ao termo “expedição”, a ideia de descobrimentos, avanço da ciência em seus vários ramos. Uma expedição científica é uma tarefa de “descobrimto”, visto que procura conhecer o desconhecido e neste contexto, facilmente nos vem a mente a lembrança de expedições científicas tais como aquelas empreendidas no Brasil ao longo do século XIX, como a de Martius/Spix, Friedrich Sellow, Langsdorf, ou numa escala mais ampla, as expedições de Alexander von Humboldt. Foram expedições que observaram, investigaram, mapearam, desenharam, classificaram e com isso, contribuíram significativamente para a ampliação do conhecimento relativo ao mundo vegetal, animal e mineral, visto estarem norteadas por um olhar acadêmico atento e crítico.

A pergunta que se nos coloca no início deste texto é se a “Expedição Roosevelt-Rondon” pode ser classificada no rol das expedições científicas e qual a sua contribuição para o avanço da ciência no Brasil, especialmente, qual a sua contribuição para a história ambiental brasileira. O seu principal protagonista, o ex-presidente Theodore Roosevelt, estava ancorado na perspectiva de uma expedição científica ou num espírito de caçador aventureiro?

O texto original de Roosevelt *Throught the Brazilian Wilderness*, foi publicado no Brasil somente em 1941, sob o título “*Nas selvas do Brasil*”. É importante apontar para o contexto desta tradução e publicação em português. Tratava-se de um momento no qual o governo Vargas empreendia esforços com a “conquista do oeste”. Podemos inferir que esta publicação em português (decorridos 27 anos da publicação original) tinha, também, a intenção de apresentar o ex-presidente Roosevelt como um profeta dos esforços civilizadores do presidente Vargas e também, enaltecer o Marechal Rondon e sua obra civilizatória nos sertões, especialmente do centro-oeste e da Amazônia.

Optamos pela análise da edição de 1976 (*Nas selvas do Brasil – Itatiaia/EDUSP*) em função da riqueza de notas, as quais não são encontradas nas edições anteriores.

A relação entre nobreza e a caça é de longa data. A caça foi um “esporte” favorito da nobreza e ao examinarmos, mesmo que de forma rápida, a arte do período moderno, verifica-se uma quantidade considerável de quadros que retratam cenas da nobreza em atividades de caça. Talvez uma das mais emblemáticas, seja a aquela pintada por Lucas Cranach (1472-1553) em dois quadros de 1544 e 1545 (*Caceria en honor de Carlos V en el Castillo de Torgau – Museu do Prado – Madri*), nos quais coloca em

evidência a figura de Carlos V numa caçada organizada para seu deleite pessoal em Torgau, Alemanha.

O desgaste público envolvendo a monarquia espanhola em vários escândalos no início do século XXI, também tem um episódio de caça, na qual o Rei Juan Carlos esteve envolvido. Em 2006 o rei empreende uma caçada em Botswana, presumivelmente financiada por um empresário saudita, na qual é emblemática a foto em que Juan Carlos posa com um rifle ao lado de um elefante por ele abatido (El País, 14 de abril de 2006, p. 19). Passados mais de cinco séculos da cena pintada por Lucas Cranach, mais um nobre espanhol se dedica a caça “esportiva”, desta vez, abatendo elefantes na África e, segundo o jornal El País, esta não era a primeira caçada do rei em território africano.

Theodore Roosevelt (1858-1919) presidiu os Estados Unidos em dois mandatos, entre 1901-1909, sendo o formulador da política do *big stick* que previa a intervenção militar em outros países, sobretudo na América, para assegurar os interesses norte-americanos na região. Era uma forma de aplicar a Doutrina Monroe. Um tanto quanto irônico, mas em 1906 foi condecorado com o Prêmio Nobel da Paz por mediar o fim da Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). A caça era uma de suas atividades preferidas, praticando-a em seu rancho no Estado de Dakota e ao deixar a presidência em 1909 realizou um longo safári pelo interior da África, abatendo rinocerontes, elefantes, etc. Em 1912 pretendia voltar novamente a presidência (seria seu terceiro mandato), no entanto, não obteve o apoio de seu partido – Partido Republicano. Fundou, então, e candidatou-se pelo Partido Progressista, sendo, no entanto, derrotado pelo candidato do Partido Democrata, Woodrow Wilson. Quando jovem morou no oeste americano (1884-1886) e conheceu de perto a rude vida dos “pioneiros”, o que o fez convicto da marcha vitoriosa da civilização sobre a natureza, ideia esta que ele manifesta quando descreve algumas regiões do interior do Brasil.

A proposta da expedição ao Brasil partira de um religioso e amigo pessoal de Roosevelt, Pe. Zahm, o qual em 1908 havia feito uma viagem aos Andes e Amazônia. No seu retorno, propôs à Roosevelt, uma expedição ao coração da América do Sul, assim que este deixasse a presidência dos EUA. Cinco anos após, o assunto tomou corpo, quando o ex-presidente aceitou os convites a ele dirigidos, pelos governos da Argentina e Brasil para fazer algumas conferências. Assim, decidiu que após as conferências, empreenderia uma expedição pelo interior do Brasil subindo o rio Paraguai, o mais próximo possível de sua cabeceira navegável e dali ir em busca do Amazonas até Manaus. Imediatamente entrou em contato com a direção do Museu de História Natural de Nova York. Ao tomar conhecimento da proposta de Roosevelt, de subir o rio Paraguai e entrar no vale do

Amazonas, Henry Feierfield Osborn, diretor do referido museu, manifestou seu interesse e colocou a disposição dois naturalistas daquela instituição, George K. Cherrie, ornitólogo, e Leo E. Miller, especialista em mamíferos. A respeito dos dois, Roosevelt afirma: “Não se poderia ter encontrado pessoas mais indicadas para tal fim. Eram velhos conhecedores das florestas tropicais da América”.<sup>2</sup> Antonio Fiala, antigo explorador do ártico seria o responsável pelo preparo do equipamento e bagagem. Frank Harper, secretário pessoal de Roosevelt também fez parte do grupo, assim como Jacob Sigg, que acumulava as funções de enfermeiro e cozinheiro. “A nossa expedição era tipicamente americana”, afirma Roosevelt.<sup>3</sup> Chegando no Rio de Janeiro, Roosevelt foi informado pelo Ministro do Exterior, Lauro Müller (1863-1926) que havia tomado providências para incorporar o Cel. Rondon e sua equipe a expedição, a partir de Cáceres, MT. Daí em diante, a expedição já não era mais “tipicamente americana”. Considerando que a expedição reuniria brasileiros e norte-americanos, Roosevelt afirma que “... falávamos em inglês, português, mau francês e alemão estropiado”.<sup>4</sup> A expedição toma, portanto, um outro caráter, como se pode perceber na avaliação do próprio Roosevelt a respeito de Rondon:

Disse que cooperaria comigo de toda maneira possível se eu quisesse assumir a direção de uma expedição de *grande vulto*, através das regiões desconhecidas do oeste de Mato Grosso, a fim de tentar descer um rio cujo curso ninguém conhecia mas tido pelos mais entendidos como de grande volume, embora completamente ignorado pelo geógrafos. Aceitei gostosamente o oferecimento, mesmo porque, com o auxílio proposto, a expedição se tornaria de muito maior valor científico, além das possibilidades de serem aumentados os conhecimentos geográficos de uma das regiões menos exploradas da América do Sul.<sup>5</sup> (Grifo meu)

Por esta época, Kermit, filho de Roosevelt encontrava-se no sul do Brasil, presumivelmente trabalhando na estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, também passou a integrar a expedição.

---

<sup>2</sup> ROOSEVELT, Theodore. **Nas Selvas do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1976.p.20.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.21.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p.111.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.23.

O Cel. Rondon encontrava-se em Barão de Melgaço – MT, ponto extremo meridional das Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, quando em 04/10/1913 recebeu telegrama do Ministro Lauro Müller convidando-o a acompanhar o ex-presidente norte-americano. Imediatamente Rondon iniciou os preparativos daquilo que seria indispensável à uma expedição, independente do itinerário a ser escolhido por Roosevelt, cujo projeto original era descer o Rio Arinos, atingir o Tapajós e, através deste, entrar no Amazonas e chegar a Manaus.

Conhecendo o plano de Roosevelt e que a expedição devia ter um caráter científico, Rondon sublinha que “... evidentemente, tal percurso, de novo, pouco poderia proporcionar a uma expedição que visava desvendar aspectos ainda desconhecidos dos nossos sertões”.<sup>6</sup> Assim, Rondon elaborou cinco propostas alternativas e as encaminhou ao Ministério do Exterior para que fossem submetidas ao ex-presidente. As propostas eram:

- a. De São Luiz de Cáceres ou de Cuiabá, seguir pela estrada da Comissão das Linhas Telegráficas até a estação Barão de Melgaço e aí, embarcar em batelões e descer os rios Comemoração de Floriano, Gy-Paraná e Madeira;
- b. Seguir o mesmo itinerário até a estação José Bonifácio e a partir daí, descer o Rio da Dúvida explorando o seu curso que provavelmente levaria a comitiva ao Madeira;
- c. Descer o Juruena, atingindo o Tapajós;
- d. De São Luiz de Cáceres passar para o vale do Guaporé e através deste rio atingir o Mamoré e navegá-lo até a cachoeira do Guajará Mirim. Tomar a estrada de ferro Madeira-Mamoré até Santo Antonio do Madeira e a partir daí navegar até Manaus;
- e. Pela estrada da Linha Tegráfica, alcançar o rio Papagaio na estação Utiariaty e por ele entrar no Tapajós.

Destas cinco propostas, Rondon avalia que “(...) a que apresentava maiores dificuldades e imprevistos, era a relativa ao rio da Dúvida; foi a escolhida pelo Sr. Roosevelt”.<sup>7</sup>

Originalmente as etiquetas preparadas nos EUA para a remessa de material, traziam a seguinte inscrição: *Expedição Sul-Americana Cel. Roosevelt para o Museu Americano de História Natural*. Considerando, no entanto, a proposta do Ministro Lauro Müller, de incorporar a equipe de

---

<sup>6</sup> RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Conferências**. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1916. p.16.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.17.

Rondon a essa expedição numa fusão que ampliaria o seu raio de ação, a bagagem e equipamentos passam a exibir a inscrição: *Expedição Científica Roosevelt-Rondon*.<sup>8</sup> O plano original de Roosevelt tal como se apresentava, na avaliação de Rondon, evidenciava-se mais como uma viagem de aventura e caça desportiva, travestida de objetivos científicos, afinal, técnicos do Museu Americano de História Natural faziam parte do grupo.

De Barão de Melgaço, Rondon seguiu para Manaus e de lá para o Rio de Janeiro, onde chegou em 11 de novembro de 1913, atendendo a solicitação do Ministro do Exterior. Ainda em viagem, montou a equipe brasileira para a expedição. A esse respeito, Rondon afirma:

(...) organizei o quadro da Comissão Brasileira, escolhendo profissionais que se pudessem encarregar, com o maior aproveitamento possível para o Paiz, dos serviços de astronomia e determinação de coordenadas geográficas, de topografia, botânica, zoologia e geologia, além dos relativos a administração.<sup>9</sup>

A equipe formada por Rondon, assim como o equipamento, seguiu para Montevideo e, a partir dali, devia subir o rio Paraguai até Corumbá, a espera da equipe norte-americana. Rondon, por sua vez, seguiu do Rio de Janeiro à São Paulo em 02 de dezembro de 1913, donde embarcaria imediatamente no trem que o levaria até as imediações de Corumbá, onde chegou em 05 de dezembro. Dali, para Campo Grande e em trem especial, até Porto Esperança, onde passou a bordo do vapor “Nioac” do Lloyd Brasileiro que o aguardava com “as fornalhas acesas”, zarpando imediatamente até a altura da foz do rio Apa, onde devia esperar a comitiva norte-americana.<sup>10</sup> Rondon relata com riqueza de detalhes a recepção feita ao ex-presidente Roosevelt e as cortesias trocadas entre brasileiros e norte-americanos a bordo do vapor “Nioac”, próximo a cidade de Corumbá. Nesta recepção, ficou acertado que já no dia seguinte Roosevelt partiria de Corumbá para a Fazenda das Palmeiras, no rio Taquary, de propriedade do Cap. Alves de Barros, veterano da guerra do Paraguai e ex-presidente do então Estado de Mato Grosso, em cujas terras faria a sua primeira caçada de onças. E afirma Rondon: “Dessa fazenda iria à do Firme, ainda com o mesmo propósito de matar onças”.<sup>11</sup> Também fazia parte do plano, que Costa Marques, presidente de Mato Grosso, oferecesse ao ilustre visitante,

---

<sup>8</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.126.

<sup>9</sup> RONDON, *Op. Cit.*, p.17.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p.18.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.20-21.

caçadas de onça, porco do mato e anta, na fazenda São João. Da mesma forma previa-se que Roosevelt realizasse caçadas nas margens do Rio Jauru e na fazenda Barranco, Porto do Campo e sítio Palmital. Fica claro, portanto, que o início da expedição foi marcada por caçadas. Em nenhum momento o Cel. Rondon menciona atividades científicas dos botânicos e zoólogos que acompanhavam o grupo. Em suas “Conferências”, esse sertanista destaca o prazer de Roosevelt em fazer caçadas de onças, como por exemplo: “... depois das 6 horas, descobrimos a primeira onça, um bello specimen da nossa temível canguçu, que foi abatida por uma bala certa da Spring-field do Sr. Roosevelt”.<sup>12</sup>

Em tom elogioso afirma, ainda, que Roosevelt,

(...) apaixonado pelos estudos da História Natural, elle viera ao Brasil só movido pelo desejo de enriquecer as collecções zoológicas do principal museu de sua pátria, com specimens que lhe faltavam; e destas faltas a que elle mais se empenhava por fazer desaparecer eram as relativas ao nosso jaguar, ao tamanduá, a capivara, a anta ou tapir, e ao queixada.<sup>13</sup>

Nas imediações de Corumbá Roosevelt reconhece a riqueza e variedade da avifauna pantaneira como a mais rica de todos os continentes. Em relação a fauna mamífera, no entanto, afirma ser muito pobre em número e espécies de indivíduos, concluindo que, no que diz respeito aos mamíferos, “(...) nada existe que se aproxima da majestade, beleza e quantidade dos grandes mamíferos da África, e, em menor escala, da Ásia tropical”.<sup>14</sup>

Percebe-se uma contradição entre discurso e prática, pois por um lado vê-se um caçador, abatendo inúmeros jacarés, pois na sua concepção os jacarés do Rio Paraguai “(...) não são ordinariamente perigosos para o homem; as vezes, porém, se transformam em comedores de carne humana, razão por que devem ser combatidos em toda oportunidade”<sup>15</sup>. A sua aversão aos jacarés do pantanal se evidencia mais adiante quando afirma:

Cada vez mais aumentava o número de jacarés. Esparramavam-se aqueles feios bichos pelos bancos de areia (...) sendo magnífico alvo para a espingarda. Eu mesmo matei uma dúzia e errei outro tanto, por causa

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p.29-30.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.30.

<sup>14</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.59.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.49.

dos movimentos trepidantes do vapor”. (...) Enxames de jacarés apareciam a toda hora, e nós matamos inúmeros desses nocivos anfíbios.<sup>16</sup>

A esse respeito, afirma o Cmdte. Pereira da Cunha, que havia se incorporado ao grupo de Roosevelt, com o objetivo de caçar com tão honrosa companhia:

(...) os jacarés pululavam por toda parte... Dentro em breve, o navio transformou-se em corpo de atiradores contra esses animais; apareciam armas de todos os sistemas e calibres e era uma fuzilaria contínua e ininterrupta, entrecortada de risadas, aplausos, troças e vaias.<sup>17</sup>

Por outro lado, percebe-se um Roosevelt que elabora um discurso de preservação, ao afirmar que

“(...) o homem civilizado tem sido mesmo mais destruidor da magnífica vida mamífera das selvas do que seus irmãos selvagens. Durante séculos ele tem destruído as mais perfeitas formas de animais da Europa, Ásia e África do Norte; mesmo em nossos dias, tem repetido essa prática em grande escala em outras partes da África e na América do Norte. Na América do Sul, porém, apesar de ser ele o responsável, em alguns lugares, pela matança desenfreada dos mais interessantes e maiores animais, ou ainda das mais belas aves, o seu advento trouxe um enriquecimento positivo da fauna mamífera selvagem. Nenhum dos herbívoros nativos se aproxima em tamanho e beleza das manadas de bois e cavalos selvagens ou semi-selvagens que enriquecem o panorama da região. Há razão de sobra para que o bom povo da América do Sul desperte, como nós, da América do Norte, já bastante tarde começamos a fazê-lo e como também os povos da Europa setentrional – não do sul da Europa – já parcialmente despertaram para o dever de preservar do empobrecimento e da extinção a vida selvagem, que é um patrimônio de grande interesse e valor em nossas

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, p.52 e 56.

<sup>17</sup> CUNHA, H. Pereira da. **Viagens e Caçadas em Matto Grosso – Três semanas em Companhia de Th. Roosevelt**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922. p.29.

terras. É de notar que essa culpa do homem civilizado se torna desconcertante e mesmo injuriosa, quando se evidencia a inteira verdade de sua extinção”.<sup>18</sup>

Na região de Cáceres, Rondon organizou a expedição que, a partir daquela data (16/01/1914), seguiria por um trecho de terra. Para os serviços de transporte foram utilizados 110 muares e 70 bois cargueiros, os quais deveriam percorrer mais de 600 Km levando centenas de volumes de carga.<sup>19</sup> Duas semanas após a partida de Cáceres, pediram exoneração da expedição, Dr. Fernando Soledade; Tnte. Luiz Thomaz Reis e o botânico Frederico Hoehne, este último, “(...) reclamando da preferência dada por Rondon à participação dos cientistas norte-americanos”.<sup>20</sup>

No trajeto, a comitiva foi hospedada na já mencionada Fazenda das Palmeiras sendo que Roosevelt descreve a sua sede, mencionando que “...viam-se flamboyants com profusão de flores vermelhas brilhantes e folhagem verde-vivo, levemente podados ...”.<sup>21</sup> Esta descrição nos chama a atenção pelo fato de que já em 1913, em pleno coração do pantanal mato-grossense, havia flamboyants, espécie exótica oriunda da costa leste da África (Madagáscar) e ilhas do Oceano Índico e utilizadas especialmente na arborização urbana em cidades do sul e sudeste.

As dimensões da fazenda também lhe chamam atenção, visto que nesta fazenda se criava cerca de 300 mil cabeças de gado, além de manadas de cavalos, porcos, rebanhos de carneiros e cabras.<sup>22</sup> Observa, ainda, a prática da queimada das pastagens visando nova brotação para a engorda do gado pois que

(...) de quando em vez um dos homens tomava a nossa dianteira e, sem sair da cela, deixava cair um fósforo aceso num monte de folhas secas, e nós que íamos a retaguarda passávamos pelas línguas de fogo que se erguiam do incêndio atigado na pastagem.<sup>23</sup>

Evidencia-se aqui, o hábito arraigado no interior do Brasil, de efetuar queimadas de matéria seca. Nas áreas de pecuária era prática

---

<sup>18</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.59.

<sup>19</sup> RONDON, *Op. Cit.*, p.30.

<sup>20</sup> DRUMOND, José Augusto. Roosevelt e Rondon desvendam um rio amazônico. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro: vol. 17, n.3, 2010. p.4.

<sup>21</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.60.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p.59.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p.63.

rotineira com vistas a produção de pastagem tenra. Não se avaliava eventuais prejuízos ao solo, como erosão e empobrecimento de sua microflora e fauna.

Na sua primeira caçada de onça o ex-presidente relata os detalhes de sua experiência e sub-repticiamente exalta a sua própria qualidade de bom atirador ao descrever que

(...) avistamos o jaguar bem no alto, entre galhos bifurcados de um tarumã. Era um belo quadro o daquele grande e formidável gato - a pele marchetada - rosmando a desafiar a matilha em baixo (...) Desse modo atirei imediatamente, de uns 60 m de distância, usando minha espingarda favorita, uma “Springfield” pequena, com a qual já havia abatido muitas espécies de caças africanas, desde o leão ao elefante e outras menores. As balas eram pontiagudas, com ponta de aço puro. Com o tiro, o jaguar caiu como um fardo pelos ramos abaixo e, embora vacilante nas patas, não pode dar senão poucos passos e deixou-se esvaír. Quando cheguei já estava morto debaixo das palmeiras (...) a caçada de jaguar é a mais interessante da América do Sul, equivalendo a dos mais nobres animais da América do Norte, e inferior apenas à dos maiores e mais ferozes da África e da Ásia.<sup>24</sup>

Roosevelt se apresenta aqui como um mestre em matéria de caça. Afinal, já havia abatido os mais ferozes animais na África, na América do Norte e agora, completava o seu “currículo” de caçador, abatendo onças no pantanal de Mato Grosso. Ao lado de um Roosevelt “caçador”, percebe-se mais uma vez, um Roosevelt que aponta para a riqueza da biodiversidade do pantanal e a necessidade de preservá-la, mas, ao mesmo tempo, seu ímpeto de caçador se impõe:

É difícil dar uma idéia perfeita da riqueza da avifauna desses pantanais. Um naturalista poderia, com grande proveito, permanecer por seis meses ininterruptos em uma fazenda como a que visitamos. Não é que tivesse muito material novo para colecionar, porém, havia grande cópia de fatos e coisas dependentes de exaustiva observação de campo. A maioria desses maravilhosos e inofensivos pássaros devia ser protegida por lei, assim como os próprios mamíferos. Na realidade, o que mais

---

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.63-64.

nos falta, atualmente, são livros que tratam da biologia desses animais silvestres.<sup>25</sup>

Os naturalistas que acompanhavam a expedição precisavam de mais alguns exemplares de mamíferos, dentre os quais, antas e caititus. Como hóspedes da Fazenda São João (“a melhor fazenda de Mato Grosso”, segundo Roosevelt, com cerca de 60 mil cabeças de gado), de propriedade de João da Costa Marques e que ficava cerca de 30 Km de Cuiabá, foi-lhe oferecida uma caçada. O ex-presidente relata que nesta caçada, após os cães terem acuado um caititu macho, tomou emprestada a zagaia do Sr. João Marques Júnior (filho do dono da fazenda e Secretário da Agricultura do Estado de Mato Grosso) e “(...) com ela matei o feroz animal”.<sup>26</sup> Tudo indica ter sido a primeira vez – e provavelmente a última, que, ao invés de arma de fogo, fez uso de uma zagaia.

Nesta altura da expedição, menciona que o Cel. Rondon havia incorporado ao grupo, um taxidermista alemão chamado Reinisch, o qual estava sempre resmungando: *Ach, Schweinerei!* (Ah, que porcaria).<sup>27</sup> Até o dia 16.01.1914, os naturalistas da expedição haviam preparado em torno de 1000 pássaros e cerca de 250 mamíferos, para serem despachados ao Museu de História Natural de Nova York.

Ao relatar sobre a exploração do Rio da Dúvida, Rondon afirma a respeito de Roosevelt, que apesar das dificuldades do cansaço próprios de tal empreendimento no sertão, o ex-presidente

“(…) não se afastava uma linha sequer do seu hábito de escrever diariamente o registro de suas impressões e mais algumas páginas do livro destinado a divulgar o que estava vendo e passando naquela travessia dos sertões brasileiros. Além disso, dedicava algum tempo de cada dia para se internar pela floresta, levando a sua espingarda. Nestas incursões ia sempre sozinho; e o mais frequente era voltar sem caça alguma, visto como, por sofrer de myopia, não conseguia descobrir de longe os animais os quaes, por sua vez, se espantavam e fugiam quando procurando elle aproximar-se, ouviam o barulho dos seus passos”.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> *Ibidem*, p.71.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p.81.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.84.

<sup>28</sup> RONDON, *Op. Cit.*, p.67.

Nos postos telegráficos instalados por Rondon alguns anos antes, trabalhavam indígenas parecís, os quais eram, portanto, empregados da Comissão Telegráfica e recebiam como pagamento, entre 66 centavos/dia (trabalhador comum) a 1 dólar (os melhores), chegando a 1,66 dólar/dia aos que chefiavam turmas. Nos postos telegráficos, cultivavam mandioca, feijão, milho, entre outras culturas. Também haviam sido iniciados na criação de gado.<sup>29</sup>

Em vários momentos ao longo de sua narrativa, Roosevelt queixa-se da falta de qualidade dos cães que acompanhavam a expedição o que, por sua vez, tornava a captura de animais do pantanal, mais difícil. Nesse sentido afirma:

Um caçador com propósitos científicos, um caçador naturalista ou biólogo, interessado em grandes mamíferos, com matilha semelhante a que Paul Rainly usava quando caçava leão e leopardo na África, ou como as de Johny Goff e Jake Bordh, com as quais eu cacei pumas, lince e ursos nos Montes Rochosos, ou ainda, como as dos fazendeiros do Mississipi e da Luisiana, com as quais também cacei urso, gato do mato nas macegas de cana brava do baixo Mississipi, não somente poderia gozar de grandes sensações nesses vastos pantanais do alto Paraguai, como ainda realizar trabalho de alto valor científico com relação a esses grandes felinos.<sup>30</sup>

Refere-se, ainda, àquilo que denomina um “hábito esdrúxulo” do interior do Brasil, “um costume absurdo”, que é de castrar os cães, razão pela qual não havia bons cães de caça e dessa forma, a reprodução ficava restrita aos “cães ordinários”. Observa, porém, que com os cavalos fazia-se exatamente o contrário e eram deixados como garanhões.<sup>31</sup>

A presença norte-americana no pantanal de Mato Grosso também foi registrada, quando relata a sua passagem pela fazenda “Brazil Land and Cattle Company” (Fazenda Descalvados), pertencente ao Sindicato Farquahr, administrada por Murdo Mackenzie e Mc Lean, considerada uma das fazendas mais antigas do Pantanal, cuja área original era de 861.527

---

<sup>29</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.129.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p.87.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p.107.

hectares.<sup>32</sup> Foram terras dadas pelo Império ao Major João Carlos Pereira Leite, como recompensa a sua atuação na Guerra do Paraguai. Por ocasião dessa visita, a referida fazenda possuía cerca de 70 mil cabeças de gado e quem supervisionava o serviço dos vaqueiros, quase todos paraguaios, era um *cowboy* do Texas.<sup>33</sup> Esta fazenda, segundo Roosevelt, era equipada com açougue, curtume, oficina de latoaria, igreja e vários outros prédios. O produto oriundo da caça na região, tinha nessa fazenda uma espécie de entreposto, visto que no armazém da fazenda havia

Pilhas de peles de onça, puma jaguatirica, jaguarundi, jaguar e uma grande pele de lobo vermelho. (...) vimos também a pele de um jaguar preto. Eram adquiridos dos vaqueiros e índios mansos, por preço de acordo com a cotação de caça de cada uma, à medida que iam sendo retiradas.<sup>34</sup>

Essa informação é confirmada pelo Cmdte. Pereira da Cunha que acompanhou o ex-presidente nas primeiras semanas no pantanal:

N'essa colossal fazenda vimos pilhas de couros de onça, na maioria mortas pelos índios Guatós; mas outras pilhas de couros seguiam-se às de couros de onça, e eram essas fornecidas pelos cervos, cuja matança barbara e destruidora vai a mais de mil animaes por anno!<sup>35</sup>

Esse registro nos permite inferir que havia considerável comércio de peles de animais da fauna pantaneira, explorado pela direção da fazenda. Quem estabelecia a “cotação” das peles? Que critérios eram adotados?

Em suas “Conferências” proferidas no Rio de Janeiro em 1916, o Cel. Rondon afirma que o primeiro proprietário da Fazenda Descalvados formou-a com o auxílio dos índios bororos. Com mais de 200 léguas quadradas, criava-se ali cerca de 600 mil cabeças de gado, das quais, afirma Rondon,

(...) algumas vieram tocadas da Fazenda Nacional de Caissara. Aliás, arrebancar gado de propriedade do Governo constituiu profissão, não só rendosa, mas

---

<sup>32</sup> FILHO, Virgílio Correa. **Fazendas de Gado no Pantanal Matogrossense**. Documentário da Vida Rural No. 10. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1955. p.43.

<sup>33</sup> RONDON, *Op. Cit.*, p.35.

<sup>34</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.90-91.

<sup>35</sup> CUNHA, *Op. Cit.*, p.71.

sobretudo pacífica, de brasileiros e até de bolivianos; difícil só era tirar alguns bois de estabelecimentos particulares porque a isso se dava o nome de roubo e quem o praticava era chamado ladrão e como tal era tratado.<sup>36</sup>

Segundo esse sertanista, com a morte do proprietário, os herdeiros venderam a Fazenda Descalvados “(...) como cousa de somenos valor” à firma comercial Cibils & Cia, de Jaime Cibils Buxareo, do Uruguai. Essa empresa por sua vez, a revendeu em 1895 à empresa belga Compagnie dês Produits Cibils permanecendo, no entanto, como maior acionista do empreendimento, do qual, segundo Rondon, também era acionista o rei Leopoldo II da Bélgica. Durante 30 anos os belgas exploraram a fazenda

(...) matando sem methodo nem escolha, todas as rezes que vinham ao rodeio; ainda assim, não conseguiram extinguir a criação: reduziram-na a menos de 100 mil cabeças. Os novos proprietários projectam continuar a indústria da fabricação do extracto liquido de carne, que era dos belgas; mas, por enquanto estão repovoando os campos.<sup>37</sup>

Os “novos proprietários”, a que se refere Rondon, era o grupo Farquahr que havia adquirido a fazenda da “Compagnie dês Produits Cibils”, em 1911.

Na região de Vilhena, tomando conhecimento de alguns espécimes da fauna local, Roosevelt propõe que estes fossem domesticados e criados nos EUA. A esse respeito afirma: “Deveríamos fazer todo empenho em que a seriema, bem como a anhinga, o mutum e o jacu fossem criados em nossos quintais e nos jardins dos estados do sul.”<sup>38</sup>

Mais adiante, enquanto a expedição preparava novas canoas no Rio da Dúvida (pois haviam perdido algumas em suas corredeiras), Roosevelt observa a riqueza de frutos maduros da cajazeira no solo, com vestígios de antas, capivaras e índios, que ali vinham recolhê-los. Em relação a esta planta e seus frutos afirma:

São frutos deliciosos os cajás, e bem podiam fazer parte de nossos pomares. Trata-se de uma planta tropical muito resistente e que se desenvolve otimamente

---

<sup>36</sup> RONDON, *Op. Cit.*, p.35.

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.154.

quando cultivada, propagando-se por meio de estacas. O Departamento de Agricultura deveria realizar experimentos de sua aclimação no sul da Flórida e da Califórnia.<sup>39</sup>

Evidencia-se nessa narrativa de Roosevelt, que a região é considerada uma espécie de “quintal” dos EUA e, em havendo interesse, poderia se proceder da maneira que melhor conviesse. Nesse caso aqui relatado, não se cogitava a eventual “soberania nacional” quanto a espécies animais ou vegetais, portanto, o seu transplante para os EUA e sua posterior utilização é visto com naturalidade.

Ao comentar sobre as condições difíceis, o sério problema causado por mosquitos e outros insetos, Roosevelt destaca que em muitas regiões dos EUA “(...) onde atualmente a vida é confortável e fácil, apresentaram entraves *mais difíceis* aos seus desbravadores, há um ou dois séculos passados” (Grifo meu).<sup>40</sup> No preparo de canoas, Roosevelt observa os caboclos da expedição que faziam o trabalho de derrubar árvores e nelas talhar as canoas e comenta: “Os camaradas, posto que fossem bons trabalhadores, diligentes e fortes, naturalmente *não podiam ser comparados* aos hábeis lenhadores do Hemisfério Norte” (Grifo meu).<sup>41</sup>

Nessas duas declarações do ex-presidente percebe-se o tom de superioridade com que ele descreve o homem norte-americano, visto que lá, na sua perspectiva, as dificuldades e entraves que se colocavam diante dos desbravadores foram maiores. Também, lá, os lenhadores eram bem superiores aos caboclos do nosso sertão no manuseio do machado. Ao comparar o conhecimento de duas realidades totalmente distintas, Roosevelt manifesta seu menosprezo ao homem da Amazônia e não considera que se trata de conhecimentos diferentes, cada qual adequado ao seu meio.

Ao atingirem a Chapada dos Parecis (MT), o ex-presidente a descreve de forma muito positiva, afirmando que no futuro,

(...) esta região será centro de uma população sadia e altamente civilizada. Trata-se de excelente zona para criação de gado, possuindo ainda ótimos vales para agricultura. (...) *Qualquer raça pura do norte poderá aí radicar-se*, pois que tal terra e tal clima prodigalizariam excelente viver.<sup>42</sup> (Grifo meu).

---

<sup>39</sup> *Ibidem*, p.183.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p.119.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p.182.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p.122.

Também a ideia de superioridade racial aqui se evidencia. Para Roosevelt, as raças “puras” do Norte poderiam ser bem sucedidas também na Amazônia, afinal, eram “geneticamente superiores”. Tal “certeza” em relação àquela região evidenciou-se um equívoco do ex-presidente. Alguns dias depois, acampado as margens do Rio da Dúvida, Roosevelt observa o potencial da região:

O solo aqui é fértil; ótima gleba para uma futura grande fazenda de café. Na verdade tal região tão rica e fértil não deve ficar abandonada no meio das selvas, sem ser colonizada, enquanto uma multidão de indivíduos se aglutina nos países superpopulosos do Velho Mundo. (...) Com o estabelecimento da colonização e em face dos passos avançados da ciência no domínio do combate às moléstias tropicais, não haverá motivos de temor.<sup>43</sup>

Também aqui, parece que Roosevelt antevê uma solução econômica para a região preconizando a sua ocupação por “raça superior” do Velho Mundo.

Em relação a esse assunto, merece destaque a suspeita levantada por Luiz Cordeiro em 1914, em relação a presença de Roosevelt no Brasil. Emblemática é a frase com a qual inicia o seu livro: “Chegou o Senr. Roosevelt que vem, - quem sabe? ”.<sup>44</sup> Mais adiante, afirma esse autor: “(...) cansado de governar e dominar homens, buscou dominar feras, e eil-o a caminho da África, onde foi *repousar* do afanoso trabalho de dirigir os públicos negócios do seu paiz” (Grifo do autor).<sup>45</sup> Cordeiro tributa elogios ao caráter de Roosevelt, no entanto, levanta algumas considerações que apontam para uma eventual estratégia geo-política do ex-presidente, argumentando:

Aberto o canal de Panamá, deles serão os mercados da Colombia, do Equador, do Perú e do Chile, que dentro em pouco, pelo seu maior consumo exigirão maior esforço de produção e maior somma de matéria prima. Não podem por isso deixar de olhar com interesse para a Amazonia...<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.188.

<sup>44</sup> CORDEIRO, Luiz. **Roosevelt e a Amazonia**. Rio de Janeiro: Typ. Canton & Beyer, 1914. p. 9.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p.12.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p.83.

Argumenta, ainda, que quando os EUA precisarem de matéria prima, irão buscá-la onde quer que se encontre. E arremata: “Póde tal gente deixar de olhar com olhos cupidos para essa prodigiosa Amazonia que lhes fica ali ao alcance das mãos?”<sup>47</sup> Segundo Cordeiro, a volúpia norte-americana foi contida pela sagacidade de Rio Branco, no entanto, afirma: “(...) esperemos que eles virão e de outra fôrma intervirão na Amazonia quando menos esperarmos”.<sup>48</sup> Para reforçar seu argumento, aponta para o seguinte quadro:

Já ali adquiriram grandes áreas de terras da nossa fronteira, para criação de gado, plantações de cereais, forragens e outras; apossaram-se, por compra, do rio Mojú, em grande parte, onde se elevam a mais de trez anos vastas plantações de seringa, cacau, arroz, com serviço de serraria anexo; nas terras de Matto Grosso que limitam o Amazonas, sabem todos, que já existem vastos domínios territoriaes pertencentes aos Norte-Americanos, que dominarão tudo dentro em pouco com a Madeira-Mamoré; e o monopólio da navegação fluvial, já deles é: organizaram a Amazon River e adquiriram a Amazon Steam Navegation Company. Com isso, se não monopolizaram a totalidade da nossa navegação nos rios da Amazonia, mas collocaram-se em condições de aniquilarem toda e qualquer iniciativa que se anteponha a sua vontade, pois, contam com a isenção de direitos, que os outros não teem, e com uma subvenção avultadíssima, vantagens que se atira como uma bomba de dinamite em cima dos competidores, pela totalidade, sem preocupação de lucros imediatos, comtanto que se o inutilize de vez ou se o enfraqueça até a submissão pela fome. Attendendo ao estado de penúria daquela região, fácil será adquirir o resto da flotilha de toda a amazonia, que já está à venda desde agora – por dez réis, de mel coado. Sendo deles o monopólio dos portos do Pará e do Amazonas, com os caes de embarque, entrepostos e diques, ainda lhes concederam entradas livres de direitos para os ranchos dos vapores.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> *Ibidem*, p.84.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.85.

<sup>49</sup> *Idem*.

Ainda, a esse respeito, conclui esse autor: “Ao vêr toda essa vastidão de Matto-Grosso e Amazonas sem gente, quantas vezes não teria dito o Senr. Roosevelt: - *Tudo sem gente!!! Tudo sem dono*” (Grifo meu).<sup>50</sup> Considerações alarmistas do autor? Considerando a política do *big sitck* proposta por Roosevelt, parece-nos que não se trata de alarmismo. A questão da soberania nacional para a região amazônica é colocada de forma bastante realista, especialmente considerando-se a importância crescente de uma matéria prima abundante na região, a borracha.

Ao se aproximar de Manaus, portanto, do fim da expedição, Roosevelt faz um balanço do empreendimento, expressando sua alegria em ter participado, a despeito de todas dificuldades enfrentadas. O Rio da Dúvida não deixava mais dúvida, sendo rebatizado com o nome de Rio Roosevelt. Eufórico, afirma o ex-presidente:

Pela primeira vez este grande rio, o maior afluente do Madeira, foi estudado em todos os seus detalhes, após sete semanas de árduo e perigoso trabalho, em região inteiramente desconhecida! E nesta hora em que se tem procurado aumentar os conhecimentos da geografia universal, sinto-me extremamente feliz em haver tomado parte nesta realização, que representa o vértice de uma pirâmide que vem sendo construída, há sete anos, pela Comissão Telegráfica Brasileira! (...) colocáramos na carta geográfica um rio com cerca de 1.000 Km de curso, cuja existência era completamente desconhecida.<sup>51</sup>

Para José Augusto Drumond, tratava-se de um rio

de quarta grandeza na bacia amazônica, pois é afluente do rio Aripuanã, que é afluente do Madeira, que é afluente do Amazonas. (...) As dificuldades de explorar o rio, no entanto, se revelaram de ‘primeira grandeza’. (...) A expedição Roosevelt-Rondon apenas enriqueceu – sem revolucionar ou mesmo reformar moderadamente – o conhecimento geográfico sobre uma parte da bacia amazônica.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> *Ibidem*, p.115.

<sup>51</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.204 e 212.

<sup>52</sup> DRUMOND, *Op. Cit.*, p.3.

Segundo Enders, no entanto, a tal “descoberta” suscita polêmica, visto que se tratava do Rio Castanha, conhecido pelos habitantes da região há muito tempo e em Portugal, a descoberta é atribuída ao português Pires da Silva Pontes, em 1798.<sup>53</sup> Concordamos com Enders de que a “aventura” de Roosevelt possibilitava uma grande publicidade internacional para o Brasil e maior aproximação com os EUA, no entanto, pouco proveitosa sob a ótica da ciência.

Convém destacar, ainda, que o livro de Roosevelt permaneceu sem divulgação no Brasil até o advento do Estado Novo, quando foi, então, traduzido para o português, sob os auspícios do Ministério da Agricultura e com prefácio de Apolonio Salles, Ministro da Agricultura, o qual sublinha: “Registrar-se-á, assim, mais um serviço que devemos nós brasileiros àquele ex-presidente”.<sup>54</sup> A narrativa de Roosevelt viria a ser sim, útil ao governo de Getúlio Vargas na sua proposta de ocupar “vazios” territoriais na “Marcha para o Oeste”.

Em 30 de abril de 1914 Roosevelt chegava em Manaus com a saúde bastante abalada. Desde o início da expedição, o médico Dr. José Antonio Cajazeiras acompanhava o grupo com a orientação dada por Rondon para assistir de perto o ex-presidente. De Manaus regressaria aos EUA. Em sua avaliação aponta o importante trabalho dos naturalistas da expedição, os quais coligiram mais 2.500 espécies de aves e cerca de 500 mamíferos, além de répteis, batráquios e peixes, muitos, desconhecidos da ciência. Entende, porém, que o ponto alto da expedição foi de natureza geográfica, representado pela exploração de um rio alegadamente desconhecido e neste processo, rende tributo ao Cel. Rondon como grande desbravador. Quanto ao caráter científico da expedição, permanecem as indagações. A quem beneficiou? Porque cientistas do quilate de Frederico Hoehne se desligaram da expedição? Quanto a Roosevelt, evidenciou-se claramente o seu lado aventureiro, caçador, mais interessado em treinar pontaria, testar armas e munições, afinal, estava num meio no qual os jacarés, por exemplo, eram “magníficos alvos” e deviam “ser combatidos em toda oportunidade”. O discurso no qual revelava ideias de preservação, é abafado pelo prazer das caçadas e pelos estampidos de sua *Springfields*.

---

<sup>53</sup> ENDERS, Armelle. Um presidente americano na selva. **Revista de História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, set. 2007, <http://www.revistadehistoria.com.br> – (Acesso em 25/08/2013)

<sup>54</sup> ROOSEVELT, *Op. Cit.*, p.16.